



Chrys Chrystello*

Racismo: insólito e pouco trivial

DOS JORNAIS LIA-SE COM ESTUPEFAÇÃO:

A polícia do estado de Illinois, nos EUA, partilhou, esta segunda-feira, imagens de uma câmara corporal (bodycam) que mostram o momento que um dos seus agentes disparou fatalmente contra uma mulher afro-americana. A vítima foi morta dentro da sua própria casa, depois de ter chamado a polícia, alegando que havia um intruso nos arredores. As imagens mostram dois agentes a conversarem calmamente com Sonya Massey, de 36 anos, até que começa uma breve discussão por causa de uma panela de água a ferver. O agente ameaça disparar contra a mulher se esta não largar o tacho, afirmando temer que esta atirasse o mesmo contra si. O homem acabou por disparar fatalmente contra a mulher.

Vários comentários vêm à mente ao ler isto, um deles é o perigo de morrer ao chamar a polícia quando houver ladrões em casa.

Outro, é o perigo estatístico de ser morto no caso de se ser afro-americano ou não-branco. Há muitos mais negros a serem mortos pela polícia do que brancos, e há mais negros a serem mortos por negros do que brancos a serem mortos por brancos (excetuam-se casos de terrorismo).

Outro ainda, faz lembrar a anedota, também passada nos EUA, em que um "ranger" (guarda-florestal) interpela uma jovem que estava num barco, no meio de um lago, a ler um livro, com equipamento de pesca no barco, apesar de ser proibido pescar. O agente diz que não a apanhou em flagrante delito pois ela não estava a pescar mas tinha o equipamento para cumprir essa infração. A jovem assediada pelo agente, diz que vai fazer queixa dele por assédio sexual, pois embora ele não a tivesse molestado, tinha todo o equipamento para o fazer.

Subjacente a tudo isto há todo um historial de violência desproporcional de polícias contra afro-americanos com inúmeras mortes violentas todos os anos, sem que houvesse perigo suficiente para os agentes dispararem a matar. Quer nos EUA quer mesmo no Brasil o historial é negro, denotando um racismo que permeia a sociedade desde o fim da escravatura e mesmo ao fim de séculos, continua a ser prevacente na sociedade e nos meios de poder. Idêntico fenómeno se passa na Austrália com o continuado genocídio aborígine de que venho dando conta desde a década de 1980 e que consta do meu livro CRÓNICAS AUSTRALIS 1978-1998 (<https://www.lusofonias.net/images/pdf/CRONICAS%20>

AUSTRALIS%201978-1998%204%20edicao%202015.pdf 4ª edição revista e aumentada em 2015 <https://heyzine.com/flip-book/f15a83184f.html#page/1>).

Em Portugal há menos casos e o mais gritante foi o do cidadão ucraniano morto pelo SEF no aeroporto de Lisboa, embora a tendência, em todo o mundo, seja de um aumento de atos raciais e discriminatórios, exacerbados pela ascensão de forças de direita e de extrema-direita. Ainda não chegamos ao nazismo da 2ª Grande Guerra, mas há precedentes graves como que se passa em Gaza (e demais Palestina), numa total inversão de valores mas com o mesmo denominador comum da raça ou etnia.



*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713



Victor de Lima Meireles

Negrura

é um fim de tarde sem começo
e as nuvens no céu são velas de barcos
ou asas que os pássaros emprestam para voarem libertos
ao som do vento que lhes adeja o som da liberdade

os montes lá ao longe
cobertos de um verde esmeralda
parecem pousados sobre o corpo de uma deusa adormecida

com os olhos cintilantes das estrelas
que na noite nascem
e as árvores que lá rebentam de forma e raiz brotam
alargam os ramos para nos ramos das outras tocarem

como se as quisessem abraçar

já que aqueles que lhes cortam as hastes
e removem dos seus troncos o nascer das tábuas
que lhes farão os sobrados e os tectos das casas onde dor-
mem

esses homens entre si não o fazem
e embora frutos de uma humanidade
usam nas suas mãos a maldade de atijar o fogo que as há-de
dizimar

e do monte e da deusa ou fada adormecida
um dia nada mais restará do que a negrura da cinza

e o mundo se esvairá do pólen
que espalha e cria a poesia